REVISTA TÓPICOS

QUANDO O TOQUE É NA TELA: O DESAFIO DE ENSINAR A GERAÇÃO DIGITAL

DOI: 10.5281/zenodo.16720373

Ana Paula Duque Estrada Pacheco¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades e os impactos da presença da geração digital no ambiente escolar, especialmente no que se refere às adaptações e desafios enfrentados pelos professores. Considerando que os estudantes atuais cresceram imersos em tecnologias e redes digitais, a pesquisa buscou compreender como essas mudanças influenciam no processo de ensino e aprendizagem e no papel do educador contemporâneo. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com base em autores que analisam a relação entre educação, tecnologia e cultura digital. Foi possível observar que, embora haja muitas possibilidades promissoras na inserção de recursos tecnológicos no cotidiano escolar, também existem impactos significativos para os docentes, que muitas vezes precisam se reinventar diante de novas demandas e perfis estudantis. O estudo também destacou experiências de diferentes países e abordagens educacionais que podem inspirar práticas mais inclusivas e inovadoras. Conclui-se, portanto, que compreender o comportamento da geração digital é essencial para que os professores possam mediar o conhecimento de forma significativa,

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

equilibrando tradição e inovação no currículo escolar.

Palavras-chave: Geração digital. Educação. Tecnologia. Professores. Ensino. Inovação.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the possibilities and impacts of digital generation in the school environment, especially regarding the adaptations and challenges faced by teachers. Considering that current students have grown immersed in technologies and digital networks, the research sought to understand how these changes influence the teaching and learning process and the role of the contemporary educator. The methodology used was a bibliographical research based on authors who analyze the relationship between education, technology, and digital culture. It was possible to observe that, although there are many promising possibilities in incorporating technological resources into everyday school life, there are also significant impacts on teachers, who often need to reinvent themselves in the face of new demands and student profiles. The study also highlighted experiences from different countries and educational approaches that can inspire more inclusive and innovative practices. It is concluded, therefore, that understanding the behavior of the digital generation is essential for teachers to mediate knowledge meaningfully, balancing tradition and innovation in the school curriculum.

Keywords: Digital generation. Education. Technology. Teachers. Teaching. Innovation.

1 Introdução

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

Vivemos em uma era em que as crianças e os adolescentes nascem imersos em ambientes digitais, desenvolvendo desde cedo habilidades ligadas ao uso da tecnologia. Essa geração, muitas vezes chamada de “nativos digitais”, aprende a interagir com telas antes mesmo de dominar a fala ou a escrita convencional. Diante desse cenário, o espaço escolar, historicamente moldado em estruturas tradicionais, enfrenta o desafio de dialogar com uma cultura digital em constante transformação. A escola, que sempre foi lugar de socialização e construção do conhecimento, precisa agora repensar suas práticas para acolher uma geração que aprende, comunica-se e se expressa de maneira distinta das anteriores.

A relevância deste estudo se dá justamente na urgência de compreender como o percurso escolar dessa geração digital interfere diretamente na prática pedagógica. Trata-se de refletir sobre as novas demandas trazidas pelos estudantes e os impactos disso para os professores, especialmente no que diz respeito à mediação do conhecimento, à formação docente e à construção de vínculos em sala de aula.

O objetivo deste paper é investigar as possibilidades e os desafios enfrentados pelos professores no processo de ensino-aprendizagem com estudantes da geração digital. Busca-se compreender como o perfil desses alunos influencia o currículo, o planejamento das aulas e a postura docente. A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa bibliográfica, com base em autores que analisam a cultura digital, os processos educacionais contemporâneos e o papel do professor nesse novo contexto.

REVISTA TÓPICOS

O trabalho está organizado em seções que abordam, inicialmente, o perfil da geração digital e suas características marcantes no ambiente escolar. Em seguida, são discutidos os principais impactos dessa presença no cotidiano do professor e as possíveis estratégias de adaptação. Por fim, são apresentadas reflexões sobre a necessidade de uma formação docente alinhada às transformações sociais e tecnológicas, reafirmando o papel essencial do educador como mediador e criador de pontes entre o mundo analógico e o digital.

2 Percursos Digitais e Saberes Docentes: Impactos Na Escola Contemporânea

2.1. A geração digital e o desafio do pertencimento escolar.

A presença constante da tecnologia no cotidiano dos jovens remodelou suas formas de pensar, agir e interagir. Desde os primeiros anos de vida, muitas crianças já estabelecem vínculo com dispositivos móveis, aplicativos e plataformas digitais, desenvolvendo habilidades cognitivas e comunicacionais específicas dessa vivência. No entanto, ao adentrarem o espaço escolar, encontram muitas vezes um ambiente estruturado por uma lógica anterior, analógica, com práticas pedagógicas distantes de sua realidade vivida. Essa desconexão entre a cultura digital dos estudantes e os métodos tradicionais de ensino tem provocado um sentimento de afastamento e desinteresse pela escola.

Prensky (2001) destaca esse abismo geracional entre professores e alunos:

REVISTA TÓPICOS

Os estudantes de hoje não são mais os para os quais o sistema educacional foi projetado. Eles nasceram imersos em tecnologias digitais, falam sua linguagem nativamente, enquanto os educadores são imigrantes digitais, com sotaque, tentando ensinar uma geração que pensa e aprende de maneira diferente (Prensky, 2001, p. 2).

Essa diferença, longe de ser apenas técnica, revela um embate cultural entre modos distintos de ver o mundo e de produzir conhecimento. Quando a escola insiste em manter práticas desatualizadas, corre o risco de tornar-se irrelevante para os estudantes, que passam a questionar a utilidade e o sentido da aprendizagem escolar. Por outro lado, quando há abertura para o diálogo entre esses universos, surgem oportunidades potentes de reinvenção do currículo, das metodologias e da própria função docente. Assim, o pertencimento escolar não se constrói apenas com presença física, mas com o reconhecimento de que a escola precisa considerar o universo digital como parte legítima da formação humana.

Portanto, o desafio atual da educação não é simplesmente inserir tecnologia em sala de aula, mas compreender profundamente os códigos, os interesses e os modos de aprendizagem dessa geração digital. Criar pontes entre o

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

conhecimento escolar e as linguagens tecnológicas significa também reconhecer o estudante como sujeito ativo, capaz de contribuir com seu repertório para o processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma reconstrução de vínculos que ultrapassa o uso de ferramentas, exigindo escuta, sensibilidade e uma postura crítica diante do papel da escola no século atual.

2.2. O professor entre a autonomia e a reinvenção pedagógica.

A presença crescente de alunos da geração digital nas escolas tem modificado radicalmente as dinâmicas tradicionais de ensino, exigindo que o professor não apenas atualize seus conhecimentos técnicos, mas também ressignifique seu papel dentro da sala de aula. Diferente de gerações anteriores, os estudantes atuais estão habituados a estímulos rápidos, interatividade constante e acesso imediato à informação. Isso implica que práticas pedagógicas expositivas, baseadas apenas na oralidade do professor, tornam-se cada vez menos eficazes diante de um público acostumado com o dinamismo dos ambientes digitais. O professor, nesse novo cenário, precisa atuar como mediador e facilitador do conhecimento, promovendo experiências de aprendizagem que sejam envolventes, criativas e críticas.

Moran (2015) argumenta que o educador do século 21 deve ir além da função de repassador de conteúdo, assumindo o papel de um arquiteto da aprendizagem, alguém capaz de planejar e construir ambientes pedagógicos diversos e significativos, nos quais o estudante tenha protagonismo e autonomia. Isso significa desenvolver práticas abertas à personalização, ao trabalho colaborativo e ao uso consciente das tecnologias digitais. É

REVISTA TÓPICOS

necessário, portanto, um processo de formação continuada que sustente essa transformação, oferecendo ao docente ferramentas não apenas para dominar os dispositivos digitais, mas para pensar a educação de forma inovadora, sensível e contextualizada.

Outro ponto relevante nessa discussão diz respeito à autonomia profissional do professor. Em muitas instituições, o uso de tecnologias ainda é condicionado a projetos centralizados ou políticas padronizadas, que não dialogam com a realidade da escola ou do estudante. Quando o docente tem liberdade para escolher estratégias que estejam de acordo com as necessidades e os interesses da turma, os resultados são significativamente mais positivos. A reinvenção pedagógica, portanto, não se trata de simplesmente aplicar recursos tecnológicos em sala de aula, mas de construir um novo olhar sobre o currículo, o tempo, o espaço e o vínculo pedagógico. Esse processo exige coragem institucional e apoio estrutural, para que o professor não esteja sozinho diante desse desafio.

Desse modo, é possível perceber que a transição para uma escola mais conectada e responsiva à geração digital não será plena se não considerar as condições reais de trabalho dos educadores, suas demandas e as especificidades de cada território. Para que o professor possa reinventar-se de fato, é essencial que ele seja escutado, valorizado e formado de maneira crítica e contínua, com foco na pedagogia, e não apenas na técnica. O digital é ferramenta, não fim. O essencial permanece sendo o humano.

2.3. Tecnologia, vínculo e escuta: desafios da mediação docente.

REVISTA TÓPICOS

A integração da tecnologia na educação vai além do simples uso de ferramentas digitais: ela exige um novo tipo de escuta pedagógica, uma escuta que reconheça as mudanças na forma como os estudantes da geração digital se expressa, aprendem e se relacionam com o mundo. Os dispositivos móveis, as redes sociais, os jogos digitais e os ambientes virtuais de aprendizagem já fazem parte da rotina desses alunos antes mesmo da entrada na escola. Quando o espaço escolar ignora ou rejeita essa realidade, corre o risco de tornar-se obsoleto e desconectado da vivência dos estudantes, gerando desmotivação e desengajamento. É justamente nesse ponto que o professor se torna peça central: é ele quem pode transformar a tecnologia em ponte e não em barreira.

Segundo Kenski (2012), o papel do professor é reinventado no cenário tecnológico e exige uma nova postura diante do conhecimento, da aprendizagem e do próprio estudante. A autora afirma:

A tecnologia não substitui o professor, mas o desafia a repensar suas formas de ensinar. Seu papel de mediador torna-se ainda mais importante quando se considera a velocidade com que os alunos da era digital lidam com a informação. Ensinar não é transferir dados, é saber escutar, interpretar, provocar, dialogar. A

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

escuta sensível é o ponto de partida de uma mediação pedagógica significativa (Kenski, 2012, p. 89).

Essa escuta ativa mencionada por Kenski (2012) é essencial quando falamos de uma geração que se comunica muitas vezes por emojis, memes, vídeos curtos e mensagens fragmentadas. É preciso sensibilidade para compreender os códigos culturais que emergem desses jovens e, mais do que isso, criar estratégias que façam sentido dentro de seu universo simbólico. Isso não significa aderir a toda tendência digital, mas sim reconhecer os sentidos que essas linguagens carregam e transformá-las em recursos a favor da aprendizagem crítica.

No entanto, é necessário cuidado para que o professor não se sinta pressionado a “performar” um papel de influencer digital ou de animador. A mediação docente continua a ser, antes de tudo, uma construção relacional, baseada na confiança, no afeto e na escuta mútua. A tecnologia deve potencializar esse processo, não o substituir. Portanto, o desafio está em usar o digital como recurso para fortalecer o vínculo pedagógico, sem perder de vista os princípios da formação humana e da autonomia crítica do estudante.

2.4. Impactos emocionais e cognitivos no percurso escolar digital.

REVISTA TÓPICOS

Ao observarmos o percurso escolar da geração digital, é impossível ignorar os efeitos emocionais e cognitivos que o uso contínuo da tecnologia tem provocado nos estudantes. Se, por um lado, os recursos digitais ampliam o acesso à informação e favorecem múltiplas formas de expressão e aprendizagem, por outro, também têm sido associados ao aumento da ansiedade, da dificuldade de concentração e de problemas de socialização dentro do ambiente escolar.

De acordo com Sherry Turkle (2017), a constante conexão com o mundo virtual está modificando profundamente as relações humanas, inclusive na sala de aula. A autora alerta para o fato de que muitos jovens se sentem mais confortáveis interagindo por telas do que pessoalmente, o que compromete habilidades sociais essenciais, como o diálogo, a empatia e a cooperação. Essa realidade impõe novos desafios para os professores, que precisam equilibrar o uso das tecnologias com espaços de escuta, trocas afetivas e construção coletiva.

Além disso, o excesso de estímulos digitais pode afetar o funcionamento cognitivo dos alunos. O cérebro da geração digital foi moldado em ambientes multitarefa, com hiperconectividade e respostas instantâneas. Segundo Turkle (2017), essa lógica digital interfere no modo como os estudantes mantêm o foco, interpretam conteúdos e constroem o pensamento crítico. Para ela, o papel do educador é criar momentos de “presença real”, nos quais o estudante seja convidado a desacelerar, refletir e dialogar em profundidade.

REVISTA TÓPICOS

Esse panorama reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, reconhecendo que ensinar hoje também significa acolher os impactos emocionais do mundo digital. O professor que se propõe a compreender essas transformações e criar ambientes mais humanos, empáticos e reflexivos contribui para um percurso escolar mais saudável e significativo para seus alunos.

2.5. Mediação docente e o desafio da autoridade em tempos digitais

A relação entre professores e estudantes tem passado por profundas transformações com o avanço das tecnologias digitais e o crescimento de uma geração que nasceu em contato com telas, redes e informação constante. No passado, o professor era a principal e muitas vezes única fonte de conhecimento dentro da escola. Hoje, os alunos têm acesso a uma gama imensa de conteúdos de forma autônoma, e isso coloca o educador diante do desafio de ressignificar sua função. O papel do docente deixa de ser o de transmitir informações para assumir uma postura de mediação ativa, capaz de conectar os saberes escolares com os interesses e repertórios da geração digital.

Essa mudança afeta diretamente o conceito de autoridade dentro da sala de aula. A autoridade tradicional, baseada no controle rígido e na verticalidade das relações, já não encontra mais o mesmo eco diante de estudantes que cresceram com a possibilidade de escolher o que consumir, quando e como. Entretanto, a ausência de autoridade não significa liberdade plena. O que se vê, na verdade, é a necessidade de um novo tipo de autoridade: aquela construída com base no respeito mútuo, na empatia, no conhecimento

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

profundo da realidade do aluno e, sobretudo, na capacidade do professor em fazer sentido dentro da experiência escolar.

Nesse cenário, José Manuel Moran (2013) enfatiza o papel do educador como um articulador das aprendizagens, um organizador do percurso reflexivo dos estudantes e um facilitador do pensamento crítico. Em uma de suas análises mais significativas sobre o tema, ele destaca:

O professor não é mais o centro do processo, mas continua sendo essencial como mediador, organizador dos percursos de aprendizagem e incentivador do pensamento crítico. O aluno pode acessar o conteúdo em qualquer lugar, mas precisa de alguém que o ajude a compreender, refletir e aplicar esse conhecimento de forma ética e transformadora (Moran, 2013, p. 27).

Essa afirmação reforça que, mesmo em um contexto altamente digitalizado, o professor continua sendo imprescindível, não por deter o conteúdo em si, mas por sua capacidade de orientar o olhar do aluno. A mediação docente

REVISTA TÓPICOS

passa a ser uma prática de escuta, de acolhimento e de diálogo constante com os estudantes, construindo com eles um espaço de aprendizagem que vá além da repetição de dados.

Ademais, essa mediação só se torna legítima quando é sustentada por vínculos afetivos, coerência ética e postura crítica. O professor que compreende a complexidade do contexto digital não tenta competir com a tecnologia, mas a utiliza como aliada para ampliar as possibilidades de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, a autoridade pedagógica se estabelece não pelo medo ou pela imposição, mas pela presença significativa, pela sensibilidade e pela capacidade de promover sentido.

Por fim, cabe destacar que a mediação docente, quando humanizada, contribui para restaurar o papel da escola como espaço de formação integral. Ela dá ao aluno a possibilidade de desenvolver autonomia, mas também responsabilidade. E ao professor, o reconhecimento como alguém essencial na formação de sujeitos críticos, éticos e preparados para viver em um mundo em constante mudança.

2.6. Aprendizagens híbridas e o papel do professor na construção de experiências significativas

O surgimento e a consolidação das metodologias híbridas de ensino trouxeram novas possibilidades para o fazer pedagógico, permitindo que os estudantes transitem entre diferentes espaços, tempos e formatos de aprendizagem. A combinação entre momentos presenciais e digitais propõe uma educação mais flexível, centrada no aluno, mas que exige, ao mesmo

REVISTA TÓPICOS

tempo, uma intencionalidade ainda maior do educador. Nesse contexto, o professor deixa de ser um simples executor de conteúdo para se tornar um designer de experiências significativas, aquele que pensa e organiza os diferentes elementos do percurso formativo, articulando recursos tecnológicos e práticas humanizadoras.

Autores como Litto (2010) destacam que, embora o acesso às tecnologias represente um avanço significativo, o seu uso na educação deve ser orientado por propósitos claros e éticos. A aprendizagem híbrida, portanto, não é apenas uma mudança de suporte ou de ambiente, mas uma reconfiguração da prática docente. A mediação humana continua sendo indispensável, pois é o professor quem dá sentido ao uso das ferramentas, conecta os saberes, promove o engajamento e garante que o aluno avance não apenas em conteúdos, mas em pensamento crítico, empatia e criatividade.

A proposta híbrida é especialmente poderosa porque reconhece a multiplicidade de formas com que os alunos aprendem. Ao respeitar esses diferentes ritmos e estilos, a aprendizagem torna-se mais inclusiva e personalizada. Contudo, ela também exige do professor um constante processo de formação continuada, de revisão de suas metodologias e de abertura para o novo. O hibridismo, nesse sentido, é menos sobre o uso da tecnologia em si, e mais sobre a construção de vínculos pedagógicos que cruzem os muros da escola e encontrem relevância na vida dos estudantes. Assim, a figura do educador não perde força com a inovação pelo contrário,

REVISTA TÓPICOS

ganha ainda mais centralidade como elo entre o saber e o sentir, entre o conhecimento e o mundo.

3 Considerações Finais

Ao longo deste estudo, buscou-se atender ao objetivo de refletir, de forma crítica e fundamentada, sobre os desafios e as possibilidades enfrentadas pelos professores diante da geração digital no ambiente escolar. A partir de uma pesquisa bibliográfica, foi possível compreender que a presença constante da tecnologia na vida dos estudantes exige um reposicionamento do docente, não como alguém que apenas transmite conteúdos, mas como mediador de experiências, promotor da autonomia e facilitador do pensamento crítico.

Buscou-se ainda destacar como a evolução dos modelos educacionais, o avanço das metodologias híbridas e a necessidade de formação continuada têm impactado o cotidiano escolar, exigindo um olhar mais atento e empático por parte dos educadores. A construção desse percurso revelou que os desafios são reais, mas as possibilidades também são vastas, desde que haja intencionalidade, compromisso com a prática e disposição para compreender o novo perfil de aluno que chega à sala de aula. O caminho é de transformação mútua: tanto do professor quanto da educação em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Litto, F. M. (2010). *Educação a distância: temas para debate*. São Paulo, SP: Pearson Education.

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

Prensky, M. (2001). *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon. MCB University Press. Acessado em 15/05/2025. Disponível em <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Kenski, V. M. (2012). *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus.

Moran, J. M. (2013). *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas, SP: Papirus.

Moran, J. M. (2015). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. São Paulo, SP: Papirus.

Turkle, S. (2017). *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York, NY: Basic Books.

¹ Graduação em Letras. Pós-graduação em Revisão de Texto. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail. anapacheco21466@student.mustedu.com